A valorização do património constitui um compromisso central na construção de uma identidade coletiva informada, participativa e consciente da sua história. A exposição "Entre a Terra e o Mar: o Monte Castêlo de Guifões" oferece, neste contexto, uma oportunidade única para dar a conhecer ao público um dos mais relevantes testemunhos da ocupação humana no território de Matosinhos.

O Monte Castêlo de Guifões revela uma história longa e contínua, permitindo compreender as comunidades que aqui habitaram e a sua relação com o território, com particular destaque para a ligação ao rio Leça e ao mar – elementos estruturantes da nossa identidade enquanto comunidade atlântica.

Os resultados agora apresentados são fruto de mais de uma década de investigação exemplar, assente numa forte cooperação institucional e científica com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito da licenciatura em Arqueologia. Este trabalho demonstra como o conhecimento produzido deve ser partilhado com a comunidade, promovendo o acesso ao património como um bem comum, vivo e em permanente construção.

Neste percurso, a decisão do Município de Matosinhos, em 2024, de adquirir a maior parte deste sítio arqueológico traduz um compromisso claro com a salvaguarda e valorização deste legado. Mais do que preservar, queremos criar condições para o seu estudo continuado, para a sua fruição pública e para o reforço da ligação entre a população e o seu património.

Convido todos a visitar esta exposição e a descobrir, no Monte Castêlo de Guifões, um lugar onde passado e presente se encontram, contribuindo para afirmar e consolidar a nossa identidade coletiva.

Luísa Salgueiro
Presidente da Câmara

A exposição "Entre a Terra e o Mar: o Monte Castêlo de Guifões", apresentada no Museu da Memória de Matosinhos, dá a conhecer ao público os resultados de um trabalho de investigação rigoroso e continuado contribuindo de forma decisiva para a valorização do património cultural do concelho.

Os museus assumem um papel essencial na preservação e transmissão da identidade coletiva, sendo espaços de mediação entre o conhecimento científico e a comunidade. Ao acolher esta exposição, o Museu da Memória reafirma a sua missão enquanto lugar de encontro, aprendizagem e construção de sentido sobre o território e a sua história.

O projeto GUIFARQ, que resulta de um protocolo de cooperação institucional estabelecido em 2016 entre o Município de Matosinhos e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a colaboração da APDL, destaca-se não só pela relevância científica, mas também pela sua dimensão pedagógica, constituindo um espaço de formação prática para estudantes da Licenciatura em Arqueologia e promovendo o cruzamento entre investigação, ensino e comunidade. Esta articulação é fundamental para uma cultura mais acessível, crítica e participada.

Ao apresentar a importância da área atualmente escavada do "Campo da Ponte" e das dinâmicas marítimo-fluviais do passado, a exposição convida o público a compreender melhor o território que hoje habitamos, a entender a metodologia da investigação científica em Arqueologia e a reconhecer o património como um elemento estruturante da identidade local.

Mais do que um olhar sobre o passado, este é um convite à participação ativa na sua valorização, reforçando o papel dos cidadãos na preservação e construção da memória coletiva.

Fernando Rocha
Vereador da Cultura

matosinhos

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FREGUESIA DE GUIFÕES

APDL
ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DOURO • LEIXÕES • VIANA

ENTRE A TERRA E O MAR:
O MONTE CASTÊLO DE GUIFÕES

PT



EXPOSIÇÃO
14 de maio a 1 de novembro de 2026
Museu da Memória de Matosinhos

10 ANOS
de um projeto de investigação arqueológica

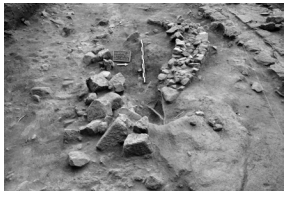
O projeto arqueológico GUIFARQ, iniciado em 2016 mediante um protocolo entre a Câmara Municipal de Matosinhos e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o apoio da APDL como proprietária da parcela onde se realiza este estudo, visa investigar e valorizar o Castro do Monte Castêlo de Guifões. Funcionando igualmente como espaço de ensino prático para futuros arqueólogos, o projeto desenvolve-se numa zona perto da margem do Rio Leça designada como "Campo da Ponte", área que se revelou determinante para a interação marítimo-fluvial no quotidiano do sítio.

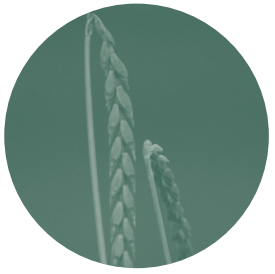
Vista aérea do **paleoestuário do Rio Leça**, entre o mar e o Monte Castêlo, posteriormente artificializado pela ampliação do Porto de Leixões. *c.* 1950.



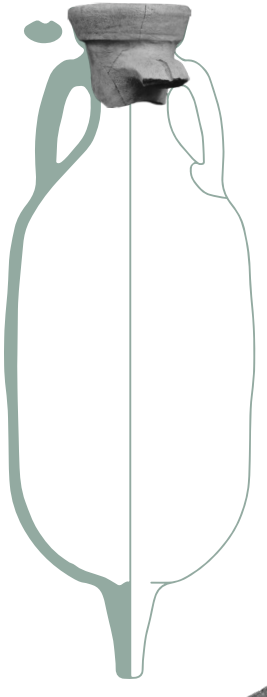


Localizado num esporão na margem esquerda do estuário do Rio Leça que, na Antiguidade, possuía uma foz mais ampla e boas condições de navegabilidade, o povoado regista quase dez séculos de ocupação humana. A sua fase primordial, em torno do século V a.C., é atestada por cerâmicas manuais e construções em materiais perecíveis. Entre os séculos II e I a.C., surgiram as primeiras edificações erguidas com elementos pétreos, destacando-se, na área de intervenção, uma estrutura de planta circular, parcialmente preservada, e uma base de lareira de argila, decorada com círculos sequenciais impressos.





BOCAL DE ÂNFORA
Bocal e gargalo, com arranque de asa de uma ânfora do tipo Haltern 70
Bética, Vale do Rio Guadalquivir.
Século I a.C. – I d.C.



A evolução do sítio fez-se acompanhar por profundas mudanças na paisagem envolvente. Através dos dados da arqueobotânica, atesta-se a abertura das florestas para dar lugar a campos agrícolas, onde se cultivava uma grande variedade de plantas, como o trigo-espelta, a cevada e o milho-miúdo. Com a chegada dos romanos, introduziram-se novas culturas como o centeio, que complementavam a recoleção de espécies silvestres como, por exemplo, camarinhas, amoras e bolotas, existentes na região.

A sua posição topográfica privilegiada transformou o Monte Castêlo num local de escala e intercâmbio, integrado em rotas marítimas que ligavam os mundos atlântico e mediterrânico. Estes contactos são atestados com a presença, numa fase inicial, de cerâmicas púnicas e, posteriormente, ânforas da Campânia e adornos do Norte de África. Com a integração da região no Império Romano, ocorrida durante o Principado de Augusto, no Campo da Ponte evidencia-se a assimilação gradual de novos modelos arquitetónicos, materializados em estruturas ortogonais com coberturas de telha cerâmica (*tegula* e *imbrex*) e num afluxo crescente de importações da Hispânia, principalmente da província da Bética.

Durante a Antiguidade Tardia, a partir dos séculos III e IV d.C., o espaço conheceu importantes remodelações consubstanciadas na construção de edifícios de maior dimensão. Testemunhos de rituais propiciatórios, como uma lucerna depositada nos alicerces de uma construção, ilustram as crenças das populações romanizadas. A forte dinâmica comercial continuou a pautar a vida no sítio do Monte Castêlo até à segunda metade do século V d.C., comprovada pelo uso de cerâmicas finas como a *Sigillata Africana* e de ânforas oleárias oriundas do norte de África.



LUCERNA
Tipologia
Dressel-Lamboglia 30B
Século III-IV

